

PROJETO DE LEI Nº 4616/2017

Denomina *Jornalista Laércio Rocha* a atual Rua 7D, localizada no Bairro Morada do Sol.

A CÂMARA MUNICIPAL DE PATOS DE MINAS APROVA:

Art. 1º Fica denominada *Jornalista Laércio Rocha* a atual Rua 7D, localizada entre as quadras 06, 10, 18 e 19, setor 50, Bairro Morada do Sol.

Art. 2º Fica o Executivo Municipal autorizado a proceder ao devido emplacamento da citada via pública.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Câmara Municipal de Patos de Minas, 4 de setembro de 2017.

JOÃO BOSCO DE CASTRO BORGES - Bosquinho
Vereador

JUSTIFICATIVA:

Antônio Laércio da Rocha nasceu em Patos de Minas, em 6 de abril de 1951, filho do ex-vereador Leonides Alves da Rocha e de Sebastiana Alves da Rocha. Era casado, desde 1990, com Maria Elisiária de Souza Bonfim Maciel, conhecida como Sinhá, e, dessa união, nasceu Otávio Souza e Rocha Dias Maciel, doutorando em Direito pela UnB. Ele também tinha como enteados a médica Dra. Nadya Maciel Sampaio e o psicólogo e professor universitário Ataulpa Maciel Sampaio.

O jornalista Laércio Rocha veio de uma família numerosa, de 18 irmãos, das regiões de Alagoas e Boassara, de nosso Município. Em 1963, depois de fazer a Admissão, submeteu-se ao processo de seleção no Colégio Municipal, hoje Escola Estadual Prof. Zama Maciel, para fazer a primeira série ginasial. Nesse educandário, participou ativamente do Grêmio Estudantil Paulo Setúbal, juntamente com os seus colegas Augusto Carvalho (ex-deputado federal), Gimirão, Wandão Porto, dentre outros.

Em 1968, mudou-se para Brasília e passou a trabalhar no Correio Braziliense, na distribuição de jornais nas bancas de revista. No Colégio Taguatinga Norte, em que estudava, conheceu o líder e dirigente comunista João Amazonas (PCdoB) e passou a participar ativamente do movimento estudantil na capital federal, na resistência ao regime ditatorial implantado no Brasil pós-64. Seu pai tomou conhecimento de sua inserção no

movimento estudantil e, com medo de que seu filho fosse preso, exigiu que ele retornasse a Patos de Minas.

De volta a Patos, matriculou-se no Colégio Alto Paranaíba, que estava sob a direção do professor Ricardo Rodrigues Marques. Nesse ano, de 1969, foi convidado pelo poeta Ricardo Marques a ingressar no Centro Cultural Rui Barbosa. Laércio, com apenas 18 anos, começou a frequentar as reuniões do CCRB, que reunia a elite cultural da cidade: Altamir Pereira, Agenor Gonzaga, Altino Caixeta, Ricardo Marques, dentre outros. Naquela época, os centristas apresentavam os trabalhos nas reuniões e eram avaliados pelos poetas mais experientes. Altino Caixeta, o Leão de Formosa, e Ricardo Marques perceberam que o jovem poeta tinha mais vocação literária para a crônica e o orientou a ler Fernando Sabino, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos.

Naquele tempo, o Centro Cultural mantinha o programa “Mensagem literária”, na Rádio Clube de Patos, comandado por Severo Marra de Lima, que convidou o jovem Laércio para dividir o referido programa, sua primeira experiência no Rádio, ainda com apenas 18 anos. Com o tempo, foi aceito definitivamente como membro do CCRB. Era de praxe, logo após as sessões literárias, os centristas se dirigem para o bar Landolanches ou bar Recreativo, para tomar cerveja, Cuba Libre, caipirinha. Nesses bares, Altamir Pereira, Severo Marra, Agenor Gonzaga, Ricardo Marques, Laércio Rocha, Dênis de Lima, Wandão Porto, Dalla, Taquinho Noronha, Leão de Formosa, dentre outros, discutiam literatura, cinema e faziam trovas e poesias.

No final dos anos 1970, participou ativamente do Grupo de Jovens da Paróquia Santa Terezinha, inclusive chegou a ser o seu coordenador. Nesse tempo, além da literatura, interessou-se também pelo teatro e passou a frequentar o Centro de Estudos Teatrais (CET), dirigido por Vicente Nepomuceno. A partir daí, passou a escrever peças teatrais, principalmente para serem encenadas pelo Grupo do JUST. Um dos seus trabalhos mais marcantes e polêmicos, foi a peça “Neca, o boia fria”, baseado em “Conto de pobre”, que havia sido publicado na revista Argumento.

Essa revista foi o resultado do trabalho dos integrantes do Movimento de Orientação e Promoção Social (MOPS) e teve a participação de outros autores, como Clênio Pereira, Chico Terra, Geraldo Magela, Daurim Goulart, Wagner Aser. Era o ano de 1978, a peça escrita e dirigida por Laércio Rocha foi baseada na história real de Neca, que tinha sido expulso de sua terra por um grileiro, e acabou se fixando no bairro Vila Operária. Era uma peça de denúncia social que questionava a elite e seu poder autoritário. No dia da apresentação pelo Grupo Perspectiva, no Salão Paroquial da Igreja Santa Terezinha (Capuchinhos), alguns oficiais do 15º BPM pagaram ingresso para assistirem ao espetáculo. Apenas Laércio, seu irmão Wanderlei e Marvel, tinham experiência com teatro, enquanto os demais integrantes eram amadores. A peça fez sucesso e, segundo consta, depois foi proibida, pois o país vivia sob o céu de chumbo da Ditadura Militar.

O ano de 1980 foi um ano marcante na vida de Laércio Rocha. Juntamente com Salvador Rodrigues, Romênio Pereira, Alfredinho, Magela, Candinha, Tosa, Bosquinho, e outros, ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores em nossa cidade, sendo posteriormente Presidente dessa agremiação partidária e candidato a vereador. Laércio tinha clareza da importância de militar na vida partidária para derrotar a ditadura e

retomar o Estado democrático de direito. Além disso, passou a integrar os quadros do movimento estudantil patense, em duas diretorias da União dos Estudantes Patenses (UEP). A última foi na gestão Tufão (1980-82), ocupando a presidência do Conselho Fiscal. Em 1º de outubro de 1980, foi convidado a trabalhar na Rádio Princesa de Lagoa Formosa, como redator e apresentador de um programa de notícias, junto com Manito e Geraldo Borges. Ficou nesse trabalho durante três anos.

No ano de 1982, como já participava das atividades partidárias e estudantis e militava no Centro Cultural Rui Barbosa, foi um dos fundadores da Casa da Cultura de Patos de Minas e também do Projeto Palco Móvel. Tornou-se, ainda, membro efetivo do Conselho Curador da Fundação Cultural do Alto Paranaíba (FUCAP), instituição criada em dezembro de 1982, que desenvolveu importante papel no movimento cultural da cidade, apresentando espetáculos de boa qualidade, bem como mantendo com relativas dificuldades, o seu Centro de Artes, em sede própria da entidade, durante muitos anos.

Em 1983, foi convidado pelo bispo Dom Jorge Scarso a dirigir a Folha Diocesana, cargo que ocupou até o ano de 1985. Foi chefe de reportagem da revista *A Debulha*, nos anos de 1985 e 1986. Em dezembro de 1986, fundou o jornal *Vox Patos*, que circulou até o ano de 1988. Na primeira edição, em 24/12/1986, no editorial, Laércio Rocha escreveu: “O Vox Patos é um jornal de linha aberta, analítica, informativa e de prestação de serviços. Todos os segmentos da comunidade terão nas suas páginas o espaço sempre aberto para colocação de suas sugestões, críticas e ideias, desde que respeitados os princípios fundamentais de conduta e da ética jornalística”. Somos testemunhas do apoio incondicional desse às associações comunitárias, sindicatos, associações classistas e principalmente ao movimento cultural de nossa urbe.

Nesse ano de 1988, os militantes da imprensa de Patos de Minas se mobilizaram para criar uma Associação da categoria. Laércio no jornal *Vox Patos*, de 17/6/1988, fez um editorial em que conclamava: “Estamos em plena sintonia com os anseios dos companheiros da comunicação, pois entendemos que um setor de vital importância para uma comunidade, como o é a imprensa, mais do que nunca, deve dar mostras de uma visão mais ampla, de uma conscientização palpável.” Assim, no dia 2 de setembro de 1988, no Patos Social Clube, em assembleia geral, com a presença de 35 comunicadores, foi eleita e empossada a primeira diretoria da Associação dos Trabalhadores em Órgãos de Imprensa de Patos de Minas, com os seguintes membros: presidente: Ricardo Faria, vice-presidente: Edilson Guimarães, secretário: Laércio Rocha e tesoureiro: Antônio Carlos Tim Tim. Essa entidade foi o embrião do futuro Sindicato dos Jornalistas e Radialistas de Patos de Minas.

Em 1989, o Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal – Sintrasp criou o jornal “Olho Vivo”, órgão oficial da entidade sindical. Durante os doze anos, o jornal teve como diretor de redação o jornalista Laércio Rocha. Posteriormente, nos dois mandatos de Alfredo Alves (Alfredinho), Laércio se tornou também funcionário da entidade, além de continuar a escrever com brilhantismo o jornal da categoria.

O ano de 1990 pode ser considerado um divisor de águas na vida do companheiro Laércio Rocha. Em 20 de janeiro de 1990, casou-se com Maria Elisiária de Souza Bonfim Maciel (Sinhá) ou simplesmente Elisa. Em 30 de outubro de 1991, foi

fundado o jornal *Novo Tempo*, ligado ao Sistema Clube de Rádio. Laércio Rocha esteve presente na redação do jornal desde o início, com outros jornalistas e, paralelamente, trabalhou no setor de redação da Rádio Clube de Patos AM e FM. É importante frisar que mesmo trabalhando nesses órgãos de imprensa, Laércio Rocha continuava como colaborador do jornal *Correio de Patos*, *Folha Diocesana*, escrevendo poemas, crônicas e artigos de opinião.

Com o fechamento do tradicional jornal *Folha Diocesana*, criado no ano de 1956, abriu-se espaço para o surgimento da *Folha Patense*, em 2 de janeiro de 1993. Esse importante órgão de imprensa de Patos de Minas foi criado por Esio Nogueira e Mário Teles, experientes no ramo de comunicação e jornalismo, pois eram oriundos da *Folha Diocesana*. Desde a primeira edição, Laércio Rocha esteve ao lado de seus fiéis companheiros, como colaborador, diretor de redação e, nesses últimos anos, apenas como revisor do único jornal impresso dos patenses.

Laércio Rocha, militante histórico do Partido dos Trabalhadores, sempre foi um cidadão preocupado com os destinos de nossa gente, principalmente, dos excluídos. Nas últimas vezes em que nos encontramos, estava bastante preocupado com a conjuntura nacional, ou seja, com a crise político-econômica e a permanência do governo golpista de Michel Temer.

Ao ler alguns editoriais e artigos de opinião escritos por Laércio Rocha, diretor de redação do jornal *Vox Patos*, nos anos de 1987 e 1988, percebe-se a atemporalidade das ideias do “Chefe” – maneira característica como Altamir, Bosquinho e Alfreddinho se referiam ao Laércio, pois o que ele escreveu há três décadas, continua, infelizmente, muito atual.

Trinta anos depois, o PMDB ocupa novamente a presidência da República. Marx disse no livro ‘*O 18 Brumário de Luís Bonaparte*’ que “*A História se repete, só que a primeira vez é tragédia e a segunda, farsa*”. A primeira vez, com *Sarney*, eleito indiretamente pelas regras impostas pela ditadura militar, ou seja, através do famigerado Colégio Eleitoral, e agora *Temer* que assumiu após o golpe parlamentar-midiático de 2016. Laércio Rocha era um crítico pertinaz da conjuntura e do desgoverno *Sarney*, o qual é muito parecido com o governo golpista e ilegítimo de *Temer* na atualidade. Se retirarmos as datas dos artigos do jornalista Laércio até parece que ele escreveu esses artigos em 2017, pois a conjuntura da crise política e econômica, a corrupção, a crítica aos parlamentares e ao poder judiciário continuam vigentes na sociedade brasileira.

Por exemplo, o editorial do jornal de 6/5/1987 dizia que “O povo vai assistindo a inúmeros casos de crimes claros contra o erário público e contra a economia popular, sem que a justiça se pronuncie e faça valer a lei, punindo com a severidade devida os culpados. Talvez porque a justiça brasileira esteja com as mãos atadas, diante do inaceitável e ineficiente sistema da centralização do poder nas mãos do executivo. Aqui neste país, os processos envolvendo corrupção, como desvios de verbas públicas, falências fraudulentas, concorrências fantasmas, mordomias em todos os escalões governamentais e outros absurdos param na burocracia complicada e nos emaranhados de uma política conivente com os abusos que vão sendo cometidos contra o povo e a nação”.

Outro texto importante configura no editorial “Para onde vamos?”, de 27/6/1987. Ali, Laércio faz uma reflexão sobre a administração do presidente Sarney (PMDB): “A pergunta reflete o pensamento de milhões de brasileiros: para onde vamos? A bem da verdade, é uma pergunta quase que sem resposta em se falando da administração desse Brasil, sem rumos, sem bússola e sem governo. Não há povo que aguente tantos desencontros e tantas “chibatadas” dos homens que estão à frente desse país. Assim não dá! Corremos velozes rumo ao caos. Esse é um governo sem consciência, que hoje rege os destinos do Brasil, desgovernando esse continente, levando-nos à falência econômica, financeira e moral”.

Em outro editorial, datado de 4/10/1987, bastante provocativo, Laércio Rocha concorda com o general De Gaulle (Presidente da França) que afirmou “Este não pode ser um país sério”. Para Laércio “As corrupções nos levam à descrença total. São indefinições políticas, econômicas. Os empresários não têm como programar seus investimentos, os trabalhadores não sabem como será o amanhã e convivem com a descrença e com a instabilidade. (...) *Os políticos não sabem se defendem ou se combatem o governo, e dentro do próprio partido governista (o PMDB) há uma cisão significativa que tem obrigado o chefe da Nação a quase que “mendigar” apoio político para governar*”.

O visionário Laércio Rocha em sintonia com a história de nosso país afirmava em 27/1/1988: “De um lado, o povo massacrado, humilhado, sofrido e do outro, mordomias, corrupções, desmandos, falsidade, politicagem, farisaísmo político. *E quem está por lá, atualmente, na cúpula do poder não tem o aval dos brasileiros, que querem hoje, um simples direito de eleger um representante legítimo.*”

No dia do aniversário de Patos de Minas, 24 de maio, neste ano de 2017, Laércio Rocha encontrava-se na companhia de seu filho Otávio, na capital federal, em Brasília, participando ativamente das manifestações “Fora Temer”, contra as reformas neoliberais do governo golpista e a favor de Diretas-Já para a presidência da República, como se pode ver nos dois registros abaixo.

Ademais, no ano de 1991, quando se comemorava o Centenário da cidade de Patos de Minas, numa iniciativa da Casa da Cultura de Patos de Minas, sob a presidência de Marcinho Maciel, foi lançado o livro “Patos de Minas – cem anos de literatura e um século de poesia”, antologia de 50 autores patenses. O setor de literatura - tanto a prosa como a poesia - sempre esteve em evidência no seio cultural de nossa cidade. Laércio Rocha participou da antologia com duas crônicas, intituladas “Cena matinal” e “No meio do mundo”. Transcrevemos abaixo fragmentos de crônicas do nosso companheiro, publicadas na Folha Diocesana: “Vou pelas ruas da cidade, sem compromisso com as horas, a saborear o doce prazer desta manhã de sol gratuito e saudável. De dentro da alma, qualquer coisa insinua algum sentimento parecido com a felicidade. Preguiça domingueira dormitando no corpo, que prefere não ter rumo certo, a girovagar pelas praças, permutando sorrisos e cumprimentos. Hoje meus olhos se alongam para além das fronteiras dramáticas das manchetes, e buscam a beleza de viver entre o cantar de pássaros vadios, a saltitarem descontraídos, por entre as flores desse jardim... Hoje sou instrumento de esperança, carrego nas mãos gestos de criança, a espalhar ingenuidade

pelos caminhos que vou passando. O vento me segreda aos ouvidos histórias sem gritos de dor ou gemidos de solidão”... (Girovagando, 13/12/1979).

Outro fragmento de grande lirismo e que demonstra o olhar poético do cronista se pode ler em “Uma canção na noite”, 21/2/1980: “No silêncio escuro da noite, uma voz rouca e melancólica, agonizava uma canção desconhecida. Na certa era alguma melodia repentista, destas tradicionalmente cantadas pelos retirantes nordestinos, na sua fuga desordenada para lugar nenhum. Na verdade, o único ponto cardeal que conhecem os que são forçados a deixar suas terras e suas lembranças, é o sul, com suas luzes coloridas de falsidade, que ofuscam a miserável e cruel verdade da injustiça das grandes cidades. São pequenos vultos maltrapilhos, ante a infinita e poderosa máquina que os obrigam a sair assim de suas terras e de suas casas, levando como bagagens a incerteza e a esperança de dias melhores”.

Além de cronista, Laércio Rocha também foi poeta de grande inspiração, capaz de ver o mundo com olhar perspicaz e traduzir tudo em linguagem preñe de poesia. Abaixo, alguns poemas lidos nas reuniões do Centro Cultural Rui Barbosa, nos anos de 1976, 1987 e 1995, respectivamente e, posteriormente, publicados em jornais locais.

Felicidade (1976)

Num raio de sol, ela veio
discreta, silente, suave
Na aurora dos sonhos
Amanhecer ternura e paz!

E chegou plenamente
sem alardes ou fantasias vãs,
para se instalar em mim
como se fosse íntima.

Veio arquitetada em luz
e em canções de liberdade,
dissipando o meu tédio,
e disse chamar-se... felicidade

Confissão (1987)

O poema de ontem
morreu
na palavra Fim.
De mim, restou o silêncio
a inspiração castrada
o verso vadio
vagando sem rima,
navio sem porto,
hoje, meu retrato de saudade,
impresso na alma.

POEMA DO ABSURDO (1995)

Só há nesse momento,
Temas absurdos,
E os homens, absortos,
Flutuam ideias vadias
Rebuscando definições,
Rimando horizontes fugidios,
Crepusculando primaveras,
No ocaso da existência.
Na alma dos homens,
O tempo se esconde,
No silêncio dos ponteiros,
Flechas de claridade,
No caminho da eternidade,
Em cada face atônita,
Há o medo do apocalipse
ATÔMICO!!!

Enfim, sem nenhuma poesia, sem nenhum sinal de aviso, subitamente no meio da madrugada do domingo, em Patos de Minas, no dia 18 de junho de 2017, vítima de um infarto, veio a falecer, aos 66 anos, o grande companheiro Antônio Laércio da Rocha, conhecido na imprensa patense como jornalista Laércio Rocha.